

5654
MARCELLINO MESQUITA

SINHÁ

(EPISODIO DA VIDA BURGUEZA)

PEÇA EM 3 ACTOS



1901

LIVRARIA EDITORA
GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª

108, Rua de S. Roque, 110

LISBOA

1241

[Handwritten signature]
27/10/46

5654

MARCELLINO MESQUITA

SINHÁ

PEÇA EM 3 ACTOS



1901

LIVRARIA EDITORA

GUIMARÃES, LIBANIO & C.^ª

108, Rua de S. Roque, 110

LISBOA



ACTO PRIMEIRO

Salão brasileiro. Rico, mas de máu gosto. Grande arco envidraçado, ao fundo, para o jardim. Um piano, fogão, etc. Flores artificiaes nas mezas.

ELISA (*Levantando-se do piano, que toca uns momentos, com o panno em cima.*)

— Não posso tocar !

LOPES — É melhor. O teu piano está triste.

ELSA — Como eu.

LOPES — Hoje.

ELISA — Sim, hoje.

LOPES — Acho muito melhor sahirmos. Queres dar o teu passeio do costume ?

ELISA — Antes quero ficar.

LOPES — Estás, então, inconsolavel ? Fazes mal, minha filha. (*ameiga-a*) Tenho

pena de te contrariar. Sou teu pae: velho, sei o que tu não sabes, vejo o que tu não vês. Pareço-tê máu? paciencia. Um dia conhecerás se sou bom ou não: e, Deus permitta que seja sempre a tempo de remediar o mal... se o houver.

ELISA—Eu não digo que seja máu, papá.

LOPES—... Mas pensa-l'ó. Conheço-te muito bem.

ELISA—Não...

LOPES—Estás a ver-me um carrasco! Homem máu, teimoso, que sacrifica tudo e todos ao seu genio azedo, que quer, até, governar no coração dos outros. Enganas-te, minha filha; sou o teu amigo, o maior, o unico, que terás em toda a tua vida.

ELISA—Sei que é meu amigo, papá.

LOPES—Se sabes não duvides que eu queira o teu bem, e só o teu bem.

ELISA—Podia ser mais... condescendente.

LOPES—Seria menos teu amigo. (*Suggestivo*) Se regeitei o pedido da tua mão, se me oppônho ao teu casamento é por-

que te não convem. Para quem vivo eu ?
Quem tenho eu, no mundo, senão a
tu ?...

ELISA — ... Diz-se tanta coisa. Nem
tudo o que se diz é verdade.

LOPES — Não me regulo pelo que se
diz. Indaguei, sube, sei a verdade. Não
te convém esse casamento.

ELISA — Porquê ?

LOPES — Por muitas razões que não
posso nem devo dar-te e que tu nem
precizas saber. Digo-t'ó, eu, teu amigo
e teu pae, na minha consciencia : esse
homem não é digno de ti. (*Elisa chora*)
Não chores porque me incommodas. Não
te faltarão maridos... estás uma crean-
ça... és rica... não te faltarão maridos !
Quantos quizeres ! (*Toca a campainha*)
Tu não conheces o mundo, filha.

MULATA (*entrando*) — Meu senhôr.

LOPES — Traz-me o chapéo e a ben-
gala. (*Mulata sahe*) Não queres então
sahir ? Far-te-hia bem. .

ELISA — Não, não.

LOPES — Bem; fica. Pouco me demoro.
O Luiz ha-de estar á minha espera; vol-

tamos já. (*Toma o chapéo e a bengala das mãos da mulata que entra, beija Elisa e sahe*).

MULATA — O papá vai, sósinho ?

ELISA — Vai ; não vês ?

MULATA — Porque não quiz sahir, hoje, a sinhásinha ? Era melhor, sempre se distrahia.

ELISA — Não me appetece sahir. (*Senta-se triste*).

MULATA — Deixe lá, minha menina, tudo se ha-de remediar. Está agora a apoquentar-se, assim! Tudo se ha-de remediar.

ELISA — Com o papá ?... Em elle dizendo...

MULATA — Tem-se visto, tanta vez, muitos casamentos contrariados a principio... e depois fazerem-se.

ELISA — Mas com o papá...

MULATA — O papá é como todos. Tracte-o com mais carinho, verá como consegue tudo.

ELISA — Talvez.

MULATA — Verá.

ELISA — E, a familia do Fernando ? A

esta hora estará despeitada pela recusa. São tão orgulhosos...

MULATA — Queira elle, que as zangas da familia depressa passarão. Elle é homem, é diferente.

ELISA — Mas continuarei a viver, só ? Não saio d'isto ?

MULATA — A viver, só ? Não tem seu pai ? Não me tem a mim ? Imagina que iria ter alguém mais amigo do que nós ? Tanto ? pode ser ; mais ? não.

ELISA — Podia cazar.

MULATA — Ainda não é tarde. Vinte annos ! Aos vinte annos é-se... uma creança, ainda !

ELISA — Que precisa de cuidados...

MULATA (*Meiga*) — Sim, dos nossos. Sinhásinha imagina que o casamento é sempre bom ? Deixe-o chegar, quando vier e não se apresse. Tem muita vontade de nos deixar ?...

ELISA — Não os deixava.

MULATA — Como todas dizem ; mas em chegando a occasião deixam tudo e todos. Seria então o senhor que ficaria sósinho ? Elle não teria mais ale-

gria . . . coitado. Como podia tê-la? E, eu?
(*Chora*)

ELISA — Ah! és tu agora que choras?
Deixemo-nos d'isto. Socega que me não
vou ainda: meu pae não mudará, tão
cedo, de opinião. Se mudar ha-de levar
tempo.

MULATA — Quem sabe! quem sabe!
(*Ouve-se o toque da campainha da es-
cada: a Mulata sahe, vai abrir*).

EMILIA — (*entrando*) Como estás?

ELISA — Inda bem que vieste.

EMILIA — Quiz vir mais cedo; mas só
agora pude vêr-me livre das Lacerdas.
Oh! filha que estopantes. Então a Luiza
com a mania da bicycleta . . .

ELISA — Já comprou?

EMILIA — Já e já cahiu.

ELISA — Não se magoou?

EMILIA — Feriu-se, aqui, na côxa. Uma
ferida grande. Perguntava-me, então,
ver-se-ha? . . . Ó filha, isso é contigo.
(*Elisa ri contrafeita*) Fallemos de ti. Eu
não preciso de perguntar . . . a tua cara . . .

ELISA — Meu pae recuzou.

EMILIA — Quem veio fazer o pedido?

Esta peça foi representada em 1901
no theatro de D. Maria II, sendo os
seus interpretes :

Augusto Mello no papel de JOÃO LOPES
Ferreira da Silva LUIZ DA SILVA
Theodoro dos Santos FERNANDO
Carlos Santos O POETA
C. Galvão O MORGADO
Nobre O PADRE
N. N. O VISCONDE
N. N. O JANOTA
Georgina Pinto ELVIRA
Augusta Cordeiro EMILIA
Emilia Lopes A AMA

UCL 161616

